

**No. 162**  
**ABR-MAI-JUN**  
**ANO 24/2014**

farj@riseup.net  
http://www.farj.org  
Cx. Postal 14576  
CEP 22410-971  
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



**INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ**  
**INTEGRANTE DA COORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA - CAB**

# **NÃO COMEÇOU EM 2013, NÃO TERMINARÁ EM 2014**

**O LEGADO DAS LUTAS POPULARES E DA COPA**



Junho de 2013 pegou os lutadores e lutadoras sociais de surpresa. O povo não engoliu passivamente o gasto de bilhões do dinheiro público na Copa, enquanto que os serviços públicos de saúde, educação, transportes só pioram. O

aumento da tarifa dos precários transportes públicos foi o estopim para milhares irem às ruas e lutarem contra os abusos e violências das grandes empresas capitalistas e dos governos. A deterioração dos serviços públicos, a crescente

crise social e urbana, a influência das lutas sociais internacionais e a indignação com a forte repressão policial nos primeiros atos, contribuíram para que os atos seguintes fossem ganhando cada vez mais volume. A redução das tarifas de

transporte em várias cidades foi uma vitória do povo contra a classe dominante, mesmo com as tentativas de infiltração de setores de direita e ultraconservadores nos atos.

Junho parecia ser apenas o início de uma longa primavera. Um dos legados das jornadas de 2013 foi a crescente mobilização de vários setores dos(as) explorados(as). Nas greves dos garis, professores e rodoviários trabalhadores e trabalhadoras combateram a burocracia e não abaixaram a cabeça para os sindicatos patronais e as direções vendidas ao governo. Outros exemplos foram a resistência das favelas, as lutas do movimento sem-teto em São Paulo e as manifestações realizadas em bairros da periferia em várias partes do Brasil. E o povo criou táticas ousadas de mobilização nas ruas, tais como a ação dos garis em cobrir as ruas de lixo em pleno Carnaval; o fechamentos de ruas; “catracaços” e ocupações

de espaços governamentais. Tudo isso deu força à pressão popular e possibilitou conquistas, o que dificilmente aconteceria apenas com passeatas burocratizadas.

Pode-se dizer que 2013 foi um marco, que trouxe algumas mudanças para os movimentos populares. Também mudam e endurecem certas políticas do Estado para estes movimentos e mobilizações. Por outro lado, apesar de milhares terem seguido pelas ruas, os espaços sociais e de organização dos(as) trabalhadores(as), não cresceram proporcionalmente. Além disso, a classe dominante também aprendeu com as estratégias das lutas nas ruas, tendo a mídia burguesa como aliada para lidar com os enfrentamentos das jornadas de junho. A morte do cinegrafista Santiago Andrade foi hipocritamente explorada pelas empresas de comunicação, que colaboraram com o Estado na articulação de um forte sistema de repres-

## **Nesta Edição**

### **MURALISMO**

Arte no Trabalho Social ... *pág 3*

### **REFLEXÕES SOBRE**

O Primeiro de Maio .... *pág 4*

### **PODER POPULAR**

Nas ruas de Montevideo ... *pág 4*

### **LUTA ESTUDANTIL**

No Norte Fluminense .... *pág 5*

### **TEMPO DE ELEIÇÕES**

Entrevista a fAu ... *pág 6*

### **FALECEU ESTHER REDES ....** *pág 8*

Além de poesias ...

**NAS BOCAS...**

**“Se você não luta, tenha ao menos a decência de respeitar aqueles que lutam”**

*José Martí*

são contra os manifestantes visando desmobilizá-los. O que as sanguinárias forças militares do Estado já faziam há décadas nas favelas, como a repressão, criminalização e violência contra os pobres, passou a ser utilizado no asfalto, de modo mais brando mas não menos repulso.

O ano de 2014 começou como uma espécie de “ressaca” de 2013. As condições para a mobilização social tinham mudado. Os setores conservadores do poder se reorganizaram e passaram a atacar com a criminalização ideológica dos manifestantes e movimentos sociais.

Muito antes da atual onda repressiva, organizações políticas e movimentos populares já denunciavam que estava em curso um eficiente sistema de criminalização dos protestos e da pobreza, dirigido pelo PT e à serviço do grande capital nacional e internacional, como a FIFA e as empresas que lucraram com a Copa. Destacava-se que sem a participação ampla dos setores oprimidos, as manifestações encontrariam sérios limites. A estratégia da classe dominante já estava desenhada. Os protestos foram criminalizados e isso só poderia ser combatido se os movimentos populares, organizações políticas e demais grupos transformassem a força das ruas em força social, com a ampliação da participação popular. Tal atitude não viria dos partidos políticos, preocupados mais em aumentar apenas suas próprias fileiras para as eleições, do que

fortalecer os movimentos populares e sindicatos.

Sabemos que essa luta para a ampliação da força social não vai ser tarefa de uma única organização ou de um único movimento social, mas é algo que cabe ao conjunto dos lutadores e lutadoras que apostam na estratégia de massas e na construção do poder popular. É com esse objetivo que nossa militância segue com nossa modesta contribuição na luta social cotidiana, nas ruas e mobilizações, ombro a ombro com os movimentos populares do campo e urbanos, comunitários, de favelas, estudantis e sindicais. Participando e ajudando a construir espaços de poder popular e participação direta do povo organizado.

O contra-ataque da classe dominante aos movimentos organizados não demorou, buscando isolar os setores que não compactuavam com o reformismo e a disputa partidária. Companheiros e companheiras perseguidos(as) em diversos estados do país (Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, entre outros) sofreram prisões e acusações absurdas, montadas pela farsa do governo Federal. As táticas de resistência, utilizadas no calor das ruas em 2013, passaram a ser duramente reprimidas pe-

los setores dominantes e pelas forças militares de repressão. Toda essa repressão e criminalização influenciou também na cada vez menor adesão popular às mobilizações.

Nesse sentido, repudiamos a crescente política de criminalização dos pobres e movimentos sociais no país, que vem se expressando através do endurecimento repressivo e jurídico por parte do Estado. Diversos movimentos sociais e grupos de direitos humanos vêm denunciando as violências e autoritarismos que a polícia, a justiça e o Estado vêm cometendo. São citadas várias arbitrariedades na condução dos processos e inquéritos, violações de direitos como perguntas sobre a vida política dos manifestantes e a apreensão de livros. Isso só

reforça a natureza violenta do Estado e do sistema de dominação capitalista que sempre que possível vão recorrer à criminalização ideológica.

Longe de recuarmos, devemos fazer um balanço crítico e auto-crítico da conjuntura desde junho de 2013, avaliando onde o conjunto da esquerda errou e acertou. Para os(as) que ainda tinham dúvidas, ficou claro o papel do PT e daqueles que determinam as políticas do Estado: defender a propriedade privada e garantir o lucro dos capitalistas, mantendo seus pri-

vilégios. Também aprendemos nesse período que a ação direta, que é a participação direta do povo organizado nas lutas e na resistência contra a repressão, é fundamental para as conquistas dos oprimidos frente aos interesses dos patrões e políticos. Que a revolta popular pode obter vitórias sobre as injustiças sociais, principalmente quando dotada de métodos de autogestão das lutas pelos(as) trabalhadores(as), com autonomia política na decisão dos rumos dos processos de mobilização, reivindicação e resistência.

Por outro lado, conquistar a adesão popular é fundamental para o avanço dos processos sociais, para dar sustento às mobilizações e para que as lutas nas ruas não se isolem das pautas populares e percam sua capacidade de pressão. E o papel da organização política não é atrás nem à frente, mas lutando junto com o povo. Atuando como fermento, propondo políticas e organicidade para a luta. Com grande sensibilidade para acompanhar e respeitar a dinâmica viva da ação popular, com táticas flexíveis mas ancoradas na realidade. Esse é o caminho para derrotar a classe dominante e construir o poder popular para além das urnas, fortalecendo movimentos populares que pautem suas lutas com independência de governos, partidos ou empresas.

Ou se vota nos de cima ou se luta com os de baixo! Não votar, lutar e se organizar rumo ao Poder Popular!

**[...] repudiamos a crescente política de criminalização dos pobres e movimentos sociais no país, que vem se expressando através do endurecimento repressivo e jurídico por parte do Estado.**

# MURALISMO

## ARTE NO TRABALHO SOCIAL



Muralismo pintado por moradores da Favelinha, localidade do Conjunto de Favelas dos Macacos, junto com alunos do Pré-Vestibular Solidariedade.

No dia 28 de junho, na quadra da “Favelinha”, localidade do conjunto de favelas dos Macacos em Vila Isabel, a companhia do Movimento de Organização de Base (MOB) ajudou na construção coletiva de um muralismo. A atividade teve a participação de adolescentes e crianças moradores do local mais as crianças que participam do Germinar e alguns alunos do Pré-vestibular Solidariedade – ambos trabalhos organizados pelo MOB no espaço do Centro de Cultura Social (CCS-RJ).

Antes da pintura todos se reuniram na quadra para conversarem sobre a proposta e pautarem coletivamente quais elementos visuais, frases e palavras entrariam na composição do mural. O resultado foi uma composição com as casas da favela, crianças, árvores e algumas palavras e frases como “Viva a favela” e um trecho do funk do Primeiro de Maio, feito pelas crianças do Ger-

minar. Depois foram divididas as tarefas, alguns misturavam as tintas enquanto outros faziam os traços e preenchiam. E outros participavam e ajudavam de diferentes formas.

Acreditamos que esta é uma forma pedagógica das pessoas participarem, manifestarem sua voz e expressarem a identidade da favela. Assim como é meio para chamarem a atenção para questões do cotidiano local como a educação pública deficiente, as demandas de luz, água, saneamento básico, entre outras. A Educação Popular tem como objetivo a organização nas bases de uma educação que possibilite a leitura e a interpretação de uma análise crítica da realidade por todos que perseveram na luta de classes, incentivando o fortalecimento e a participação popular.

O MOB entende que atividades como esta são ferramentas simples mas importantes para a construção do Poder Popular. Ajudando na organização comunitária ao possibilitar a expressão



Muralismo pintado por crianças na Favelinha, localidade do Conjunto de Favelas dos Macacos.

de suas angústias e alegrias. Auxiliando a compreensão e a prática coletiva da igualdade e solidariedade entre os oprimidos, do protagonismo popular e da ação direta. Fortalecendo o trabalho de organização nas bases a partir de ferramentas de Educação Popular. Nesse sentido, foi um momento rico de trocas e aprendizado mútuo, em que o resultado foi expresso na forma como aqueles jovens e crianças se interessaram em participar e pintar sua quadra de futebol.



Muralismo pintado por estudantes do CIEP Aarão Steinbruch, no município de Duque de Caxias

## PALESTINA LIVRE

SE O CORAÇÃO É FEITO DE CARNE E A  
CONSCIÊNCIA TAMBÉM, É IMPOSSÍVEL  
UM  
COMERCIAL OU OUTRA NOTÍCIA DE  
JORNAL FAZER ESQUECER.

MALDITA FAIXA DE MORTE, USADA COMO  
DESCULPA PARA ESCONDER LAMENTOS.

SEM MALDIÇÃO, SEM FAIXA, SEM MORTE,  
SEM NADA. APENAS UM MAPA.

FAIXA SÓ SE FOR PARA PASSAR A PÉ.

# Reflexões sobre o Primeiro de Maio

No dia 5 de maio ocorreu no assentamento Zumbi dos Palmares 4, em Campos dos Goytacazes/RJ, uma atividade social e cultural do Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, organizada pelo Círculo de Cultura Camponesa Girassol. Compartilhamos uma reflexão que o grupo gerou a partir da atividade: “1º de maio não é o dia do trabalho, mas sim do trabalhador. Uma diferença política que ressalta a luta e a resistência de nossos companheiros de classe. O trabalho não é digno do trabalhador, pois este não pode se subordinar aos diversos regimes de trabalho que lhe foram impostos historicamente, desde a escravidão, a servidão e o salariedade. O trabalho digno do trabalhador é aquele que o faz livre e liberto das amarras da exploração que o aprisionam. Que dê possibilidade ao sujeito de pensar o mundo, de se pensar no mundo e de se revoltar contra as injustiças e opressões nesse mundo. Nem todo trabalho é digno, pois há aquele que humilha, degrada e deforma. “Digno é o trabalhador de seu trabalho”? Digno é o trabalho do seu trabalhador desde de que o faça avançar e não retroceder, que o faça viver e não suportar a vida. Trabalhar é justamente isso, compartilhar com outro o que ele não tem.”

# Poder Popular nas ruas de Montevidéu



**A**ção Direta, mobilização, assembleias, carreata, paralisação e muita buzina pelas ruas de Montevidéu!!!!

Os trabalhadores e trabalhadoras do SUATT (Sindicato Único de Automóvel com Taxímetro e Telefonistas) enfrentam a imposição de uma mudança no sistema operador do serviço de táxi, o que favorece alguns empresários que ocupam a fração patronal e contam com o apoio do governo.

O SUATT rejeita essa nova plataforma de tecnologia excludente, pois esse sistema defendido pela patronal ameaça o trabalho das operadoras de rádio-táxi e de operadores de cabines situadas pela cidade. Mas o grito dos trabalhadores ecoa pelas ruas: “se va acabar, se va acabar, la prepotencia patronal!”

Na madrugada de sábado do dia 14 de junho, um incêndio suspeito destruiu a sede da rádio-taxi, destruindo a ferramenta de trabalho de mais de 40 mulheres, o que antecipou o conflito!

No blog do sindicato podemos encontrar sua pauta das reivindicações:

“Nós, trabalhadores de taxi nos reuniremos de forma urgente com o Diretor Geral do Trabalho onde expressaremos e reivindicaremos:

1- O provimento imediato de um espaço para podermos desempenhar nossa tarefa de forma transitória e um projeto para a obra de construção de uma local de trabalho que conte com todas as condições regulamentadas, o mais rápido possível.

2 – Garantias em todos os sentidos de que não se perderá nenhum posto de trabalho.

3 – O pagamentos das jornadas não trabalhadas e, em caso de

ter que usar o seguro de greve, o pagamento imediato da diferença salarial. No decorrer das jornadas nós, trabalhadores, vamos analisando o avanço de nossa proposta e não descartamos iniciar uma mobilização para obter os objetivos planejados.

## ARRIBA LOS QUE LUCHAN!!!!

### SUATT-UNOTT-PIT-CNT”

Para saber mais sobre o SUATT, que conta com mais de cem anos de luta contra o capital do setor patronal e a burocracia governamental acesse: <http://sindicatodeltaxi-suatt.blogspot.com.br>

Tradução: FARJ

# Luta Estudantil no Norte Fluminense

Em assembleia no dia 17 de março, os estudantes da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) decidiram entrar em greve e ocupar o prédio da reitoria. A decisão se dá após um estudante ter iniciado uma greve de fome em defesa das pautas estudantis. Os docentes da instituição já haviam declarado greve no dia 12 de março, e os técnicos também já haviam parado há alguns dias. O movimento estudantil (ME) nesta instituição luta por uma pauta que vem sendo debatida há anos, como o funcionamento imediato do bandejão, que desde 2008 vem sendo construído, demolido e reconstruído sem nunca ter funcionado. Reivindicam também o aumento dos valores das bolsas, melhor estrutura nas bibliotecas, salas de aula e de informática, a contratação de novos professores, entre outras pautas.

Quase um mês depois ocupação, a reitoria abriu um canal de diálogo prometendo o funcionamento do bandejão para depois do segundo semestre deste ano, o que já foi prometido inúmeras vezes desde 2012. No dia 9 de maio, os professores decidiram suspender a greve até o dia 17 de maio para o início das negociações com o Governo. Diante disso, a reitoria já lançou nota para fazer pressão, indicando o início das aulas para o dia 11 de maio (quarta-feira). E os alunos que estavam morando na ocupação deixaram o espaço, que agora está sendo utilizado para as reuniões dos coletivos estudantis e do ME. E apesar do período letivo ter iniciado com atraso, mas com todos os setores trabalhando, os técnicos decidiram então retornar à greve na última semana de junho. Logo depois retomaram às atividades, apesar das negociações terem caminhado com dificuldades e entraves. Como se não bastasse o posicionamento nada favorável aos trabalhadores

e estudantes da instituição a reitoria decidiu tomar uma última decisão em relação ao corpo universitário. Implementou um convênio com a Polícia Militar - “Unidade Pacificadora Universitária” - para reforçar a segurança do campus com quatro PM's, que supostamente substituirão vinte vigias patrimoniais. Novamente se posicionou de forma arbitrária, sem consultar a comunidade acadêmica e sem explicitar motivos e interesses que nortearam sua decisão.

A luta de estudantes e trabalhadores das universidades públicas por melhorias nas condições de trabalho, pesquisa e estudo já é o suficiente para que seja entendida como justa. E o movimento sindical e estudantil também busca mobilizar para além dessas demandas, tendo sempre um papel importante nas mobilizações populares no país. O ME, além de ser responsável por canalizar parte das lutas de resistência da juventude brasileira, também se mostra capaz de articular um pólo de militantes combativos que aglutina diferentes setores populares, movimentos sociais e organizações. Caso recente das lutas por mobilidade urbana protagonizadas pelo MPL (Movimento Passe Livre) e também pelo próprio ME, e que agora estão organizadas em blocos e frentes de esquerda. Neste sentido, apoiamos a luta dos trabalhadores e trabalhadores das universidades, entre docentes e técnicos, estatutários ou contratados, e da estudantada em geral. Seja por melhores condições de trabalho, pesquisa e estudo, pelo bandejão, reposição e aumento salarial, 30 horas semanais de trabalho para técnicos, mais bolsas com melhor remuneração, mais vagas e moradia estudantil já! Protestar não é crime!

Leia o texto na íntegra em [www.farj.org](http://www.farj.org)



# Tempo de eleições

## Entrevista com a federação Anarquista uruguaia

Em setembro de 1999, a revista intitulada “Zurda”, vinculada a um novo grupo da Frente Ampla\*, fez uma reportagem com a fAu no período eleitoral. Fizemos-nos a seguinte pergunta: “Por que os anarquistas não votam?”. Nossa Organização deu sua opinião sobre o tema e a Revista publicou na íntegra todas as considerações apresentadas. Segue abaixo o texto da entrevista.

*Zurda - Por que os anarquistas não votam?*

fAu - Mais uma vez nos fazem esta pergunta. Uma pergunta que, obviamente, não tem uma resposta simples. É o equivalente a perguntar: Como o anarquismo concebe o mecanismo político? O anarquismo considera que há um nível político específico e que se deve atuar nele? As práticas políticas não são todas da mesma ordem, não tem algo em comum que as constitui e lhes dá um perfil inconfundível? As eleições não são parte substancial de toda prática política?

A categoria política está constituída sobre bases tão fluidas (muitas delas polêmicas) que esta lista de perguntas, correspondentes a uma mesma constelação de questões, poderiam ampliar-se muito mais.

É importante pontuarmos, antes de tudo, que seria um atrevimento de nossa parte querer falar em nome do anarquismo. O anarquismo é uma ideologia, uma doutrina, com muitas matizes. Assim, respondemos aqui como fAu, como uma organização política anarquista que já tem 43

anos de existência e uma trajetória na qual fizemos, com coerência, o que foi possível em função de seu projeto.

O anarquismo não é um dogma, nunca colocou-se como tendo em suas mãos a verdade revelada. Consequentemente, sempre agiu ao mesmo tempo no campo social, no trabalho crítico e reflexivo. E esta atitude está presente na fAu.

Pensamos, obviamente, que os contextos históricos estão constantemente apresentando diferentes formas e através de momentos de grande importância. O que podemos chamar de “etapas do capitalismo” carrega determinados elementos específicos. E o específico é questão de primordial importância para analisarmos tanto o tema que estamos tratando, como uma formação social, ou um período pertencente a uma mesma estrutura de dominação do sistema capitalista. Mas não acreditamos que o específico anule o geral. É verdade que, no percurso do século que está por terminar, montaram-se teorias, estabeleceram-se paradigmas falando-nos, com certezas científicas, de totalidades quase inquestionáveis. Hoje muitos destes fundamentos teóricos, destes paradigmas e epistemes, são altamente questionados e alguns caíram por terra.

Mas houve muita coisa positiva que as lutas e o pensamento socialista produziram. E também, por que não dizer, muitas pesquisas independentes sobre temas particulares que abriram campos

de reflexão e trouxeram novos elementos para novos discursos.

Dentro do que foi produzido pelo pensamento socialista, corroborado em boa parte pelas experiências sociais, estão teorias sobre os mecanismos de reprodução do sistema vigente. Mecanismos básicos que, mesmo em contextos sociais altamente diferenciados, operam de maneira semelhante. Como um conjunto básico de “peças” relacionadas, articuladas, que possibilitam algumas coisas e impedem outras. Permitindo, por exemplo, que a riqueza e a pobreza cresçam; que os distintos poderes fundamentais estejam sempre nas mãos de uma minoria privilegiada; que os meios de comunicação conformem “ideais”, “valores” e padrões “culturais”, reafirmando do sistema vigente.

Então, falar de eleições é fazer alusão a uma “peça” de uma estrutura de poder que é muito mais ampla.

Sabemos que não é simples colocar certas propostas em nossa época, quando o aparato ideológico do sistema, a guerra aberta à solidariedade e a tudo o que possa gerar culturas de cooperação, acabam alimentando a fragmentação e a atomização, em que cada um pensa somente em si.

Porque essa agressividade ideológica, por parte dos mesmos que dão por encerrada a própria ideologia, a história e outras questões, tentam utilizar-se de fatos históricos, tais como as chamadas “experiências socialistas” que tiveram um triste final, para gerar a desmobilização moral e combativa das populações. Mas a verdadeira alternativa socialista está aqui, diante de nós, não

é uma elaboração feita de fora das experiências históricas. Mas, com seus erros e acertos, é um produto autêntico que compreende as ânsias de justiça e liberdade dos povos. Seria importante começar a se reformular uma crítica mais rigorosa sobre tudo aquilo que fez naufragar a alternativa de estruturar uma sociedade sobre bases diferentes das da miséria que sustenta este sistema.

Dentro das reflexões – que muitos já se fazem – está o papel representado pelas eleições num sistema como o atual. Há participação em um processo como as eleições? Representam uma autêntica democracia? Se o elaborado discurso “moderno” serve para nos inserirmos nessa estrutura, para deixarmos que tudo siga da mesma maneira; para termos a ilusão de que estamos fazendo grandes transformações políticas, então não há dúvidas de que as eleições, enquanto ação política clássica, representam atualmente o espaço privilegiado para isso. Permitidas e altamente desejadas por aqueles nossos conhecidos de sempre.

Mas há algumas coisas sobre o funcionamento do sistema, seu caráter classista, seus mecanismos de poder

***Nós, anarquistas da fAu, votamos em muitas situações e instâncias como sindicatos, cooperativas, centros populares e estudantis, plebiscitos populares. O problema não é o voto nem a democracia. A questão é a que mecanismo pertence tal voto e de que democracia falamos.***

e reprodução que o socialismo assinalou, e em especial o socialismo de matriz libertária. Esses mecanismos tem uma dinâmica perversa e seria puro voluntarismo e idealismo procurar subvertê-los utilizando-se de seus próprios meios. Não são onipotentes e podem ser enfrentados e desestruturados, mas... não a partir de dinâmicas que o retroalimentam.

Assim, todo jogo eleitoral cumpre fins que tendem à legitimação do

sistema. Seguindo a vida de maneira regular, alternado com alguma ditadura quando convém, é vital ao sistema esta legitimação e esta ficção de participação popular, que cumpre ao mesmo tempo o papel de expropriação da soberania popular. Mas esta fantasia, que oculta os núcleos duros de poder, não é ingênua, é muito exigente. Para participar dela é preciso despir-se, somente são aceitos os que vem com pouca roupa. Num documento da fAu, de 1969, dizíamos: temos que ir “buscando a aprovação dos poderosos: FMI, capital internacional, militares... ter bom comportamento, rebaixar programas, criticar duramente as culturas combativas”.

As regras do jogo da burguesia são fortes e envolventes, costuram com um invisível fio de aço. Por isso, mesmo com tantas pessoas bem intencionadas, é pouco ou nada o que podem fazer e, na maioria das vezes, o ambiente da estrutura política “faz suas cabeças”. Em tal contexto é preciso ter atenção a cada passo que se dá; há pouco tempo um político da Frente Ampla disse que sua ida às eleições havia significado perdas de voto.

Esse mecanismo de democracia virtual parece estar se desgastando de modo geral, no Uruguai mais lentamente. Este “carrossel” que troca políticos, partidos, constituições; que alterna de lugar períodos social-democratas, democratas, partidos tradicionais, e que não deixa nada de novo ou positivo. É hora de pensar em práticas políticas diferentes. Não bastam discursos com adornos modernos e tratando de assuntos atuais. A questão parece ser a de avançarmos em direção a práticas e estratégias que superem as instâncias que não dão lugar ao novo. Ainda mais se o novo busca mudanças profundas e urgentes.

Ouvimos todos os dias que vivemos uma outra época. Mas repetem-se as mesmas velhas e fracassadas recei-

tas. Claro que vivemos uma época assombrosa em termos de avanços técnico-científicos, como a robótica, a cibernética e a genética fazendo maravilhas. Temos meios de comunicação instantâneos, que parecem mágica. Mas junto com toda essa maravilha, que muito apreciamos, também temos mais populações miseráveis, mais devastação do meio ambiente, mais invasões brutais e genocídios. E tudo isso não é casualidade.

Nós, anarquistas da fAu, votamos em muitas situações e instâncias como sindicatos, cooperativas, centros populares e estudantis, plebiscitos populares. O problema não é o voto nem a democracia. A questão é a que mecanismo pertence tal voto e de que democracia falamos.

Nestas circunstâncias, quando a agressão ideológica do sistema é alta, quando os meios de comunicação têm a cada dia maior poder de fabricar opiniões, quando coordenar-se e mobilizar-se se torna uma tarefa difícil, quando a miséria do povo cresce, quando o projeto neo-liberal dizima os pobres do mundo, quando os discursos dos setores de esquerda e de intelectuais tornam-se lavados e confusos, faz-se imperativo contar com orientações precisas e firmes. Há uma busca – na qual se encontra muita gente – de ferramentas que permitam a unidade do povo para a luta por suas imperiosas e urgentes necessidades. É nessa busca que nós queremos estar.

Repetiríamos mais uma vez que a questão não é emitir um voto a cada cinco anos, mas sim o que fazemos durante esses cinco anos nessa luta que deve ser cotidiana.

*Tradução e Revisão: FARJ*

Nota: Frente Ampla – Coalizão eleitoral de centro-esquerda do Uruguai, fundada em 1971, da qual integram vários partidos políticos e organizações da sociedade civil.

Texto original: <http://federacionanarquista-uruguay.com.uy/?p=951>

## A COPA E O ESTADO DE EXCEÇÃO

Enquanto “rola” a final,  
Algumas centenas de pessoas protestam.  
Cassetetes, gás lacrimogêneo, violência  
descomunal...  
Ameaças e prisões para os que restam.

Alguns presos no dia anterior.  
Clausuras torpes e arbitrárias.  
Os movimentos sociais sentem a dor  
Da repressão das instituições autoritárias.

Ditadura do Estado,  
Ditadura do Capital.  
Sessenta mandados  
Impedindo a luta social.

Na copa da FIFA  
A cena mais vista foi a opressão.  
Na favela foi morte e “bifa”,  
Para os professores da rede pública  
Foi corte de ponto e expulsão.

Ainda querem nos convencer  
Que a luta do povo é votar!  
Organização Popular tem que ser  
Prioridade política  
Na construção do Poder Popular.

PH 13.07.2014.



# Faleceu Esther Redes

No dia 2 de agosto de 2013, faleceu no Rio de Janeiro aos 92 anos a Professora Esther de Oliveira Redes. Graduada em

Filosofia nos anos 1940, Esther integrou na década seguinte o Grupo Ação Libertária, filiado à União Anarquista do Rio de Janeiro, do qual o médico Ideal Peres, seu companheiro, foi um dos fundadores em 1952. Também com Ideal participou da fundação do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) em 1958. Bastante presente a todas as atividades do Centro, inclusive as de caráter administrativo, ali pronunciou diversas palestras basicamente sobre Psicologia e abordando autores como Jung e Albert Camus sob uma ótica libertária. Colaborou ainda na década de 1950 com o jornal anarquista Ação Direta (1946-1959). Em 1969, Esther viu-se envolvida no Inquérito Policial-Militar instaurado pela ditadura contra os associados do CEPJO. Ideal Peres permaneceu preso no temido quartel da Rua Barão de Mesquita por um mês e alguns companheir@s do Movimento Estudantil Libertário (MEL) foram detidos e torturados. Esther, juntamente com Edgar Rodrigues, atuou intensamente na defesa dos processados, até a



Foto de picnic do CEPJO, final dos anos 1950/início dos anos 1960, na praia de Jurujuba (Niterói). 1- Ideal Peres, 5 - Carolina Bassi Perez (mãe do Ideal), 10 - Esther Redes.

absolvição de tod@s em 1972. Logo a seguir, Ideal e Esther passaram a reunir em seu próprio apartamento, no bairro do Leme, jovens que se interessavam pelo anarquismo, retomando assim sua militância dentro das condições possíveis na época. A passagem dos anos 1970 para os 1980 registram a militância de Esther e Ideal na Associação dos Moradores do Leme e no jornal do bairro. Em 1986, Esther teve participação decisiva no nascimento do *Círculo de Estudos Libertários* (CEL), primeiro espaço libertário pós-ditadura, da qual foi administradora até 1991. Integrou o corpo editorial da revista anarquista "Utopia", editada no Rio de Janeiro, que teve 5 números lançados entre 1988 e 1992. Com a morte de Ideal Peres, em agosto de 1995, doou todo o acervo de livros anarquistas, que alguns anos depois veio a formar a *Biblioteca Social Fábio Luz*. Posteriormente, desligou-se do movimento anarquista. Em 2009 lançou o livro "Caminhos da Vida" (Edições Reate, Rio de Janeiro), contendo crônicas e ensaios. Sua atuação por quase

5 décadas foi decisiva na manutenção das atividades libertárias no Rio de Janeiro no difícil período de 1945 a 1984, bem como na "passagem do bastão" a uma nova geração de anarquistas. Fica aqui a homenagem da FARJ. Que a terra lhe seja leve, companheira.



## BAKUNIN

### 200 ANOS

### 1814 - 2014



Organizações integrantes da CAB: Organização Resistência Libertária (CE); Coletivo Anarquista Núcleo Negro (PE); Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares (AL); Federação Anarquista do Rio de Janeiro (RJ); Organização Anarquista Socialismo Libertário (SP); Rusga Libertária (MT); Coletivo Anarquista Luta de Classes (PR); Coletiva Anarquista Bandeira Negra (SC); Federação Anarquista Gaúcha (RS); Núcleo Anarquista Resistência Cabana (PA).



**BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001**  
Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

**Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todos que fazem esta publicação ser possível, até os mais anônimos colaboradores.**

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: [farj@riseup.net](mailto:farj@riseup.net)



Domingos Passos vive!!!

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CAB: [www.vermelhoenegro.net](http://www.vermelhoenegro.net) | CABN/SC [www.cabn.libertar.org](http://www.cabn.libertar.org) | ORL/CE [www.resistencialibertaria.org](http://www.resistencialibertaria.org) | Núcleo Negro/PE <http://nuclleonegro.noblogs.org> | OASL/SP [www.anarquismosp.org](http://www.anarquismosp.org) | FAG/RS <http://batalhadavarzea.blogspot.com.br> | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> | CAZP/AL [www.cazp-al.blogspot.com](http://www.cazp-al.blogspot.com) | CALC/PR <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> | NARC/PA <http://resistenciabana.noblogs.org> | GEIPA/SC [www.geipajoinville.blogspot.com](http://www.geipajoinville.blogspot.com) | COMPA/BH [www.socialismolibertario.com.br](http://www.socialismolibertario.com.br) | ÁFRICA DO SUL: ZACF [www.zabalaza.net](http://www.zabalaza.net) | ARGENTINA: OSL [www.osl.org.ar](http://www.osl.org.ar) | FACA <http://lafaca.org> | COLÔMBIA: RLPMK [www.redlibertariapmk.org](http://www.redlibertariapmk.org) | BOLÍVIA: OARS [www.oars.tk](http://www.oars.tk) | CHILE: OCL [ocl.chile@gmail.com](mailto:ocl.chile@gmail.com) | CAL <http://labataladellostrabajadores.blogspot.com> | COSTA RICA: Prô-FAC (Círculo de Estudos la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | FRANÇA: CNT Vignoles [www.cnt-f.org](http://www.cnt-f.org) | MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | PERU: USL [www.uslperu.blogspot.com](http://www.uslperu.blogspot.com) | URUGUAI: FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | CSL <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> | EUA/CANADÁ: NEFAC [www.nefac.net](http://www.nefac.net) | UCL [www.causecommune.net](http://www.causecommune.net) | ITÁLIA: FdCA [www.fdca.it](http://www.fdca.it) | IRLANDA: WSM [www.wsm.ie](http://www.wsm.ie) | ESPANHA: CNT [www.cnt.es](http://www.cnt.es) | CGT [www.cgt.org.es](http://www.cgt.org.es) | [www.anarkismo.net](http://www.anarkismo.net)